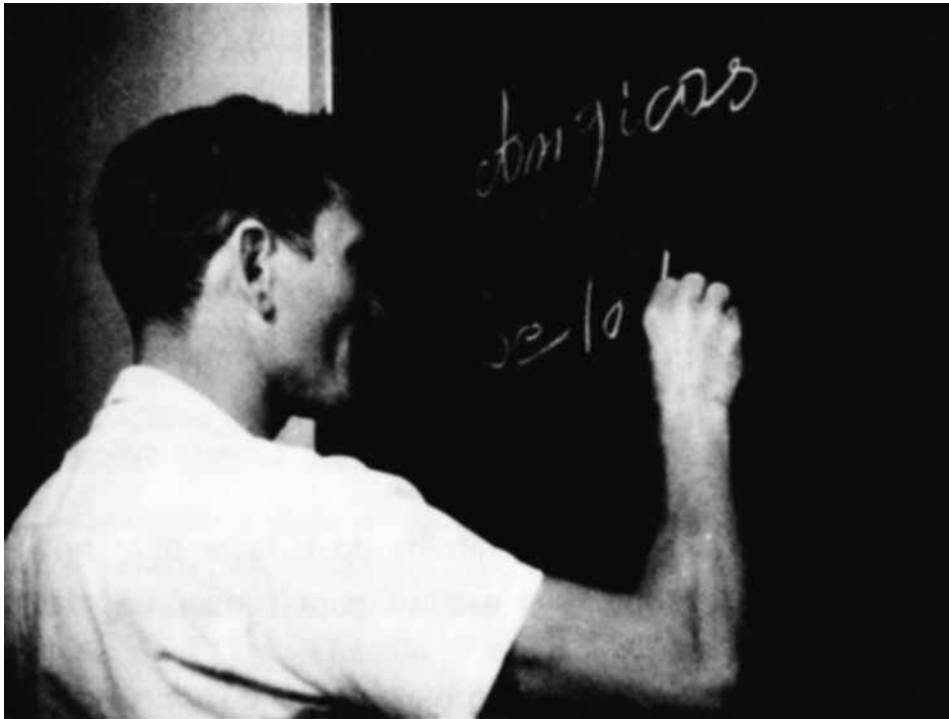
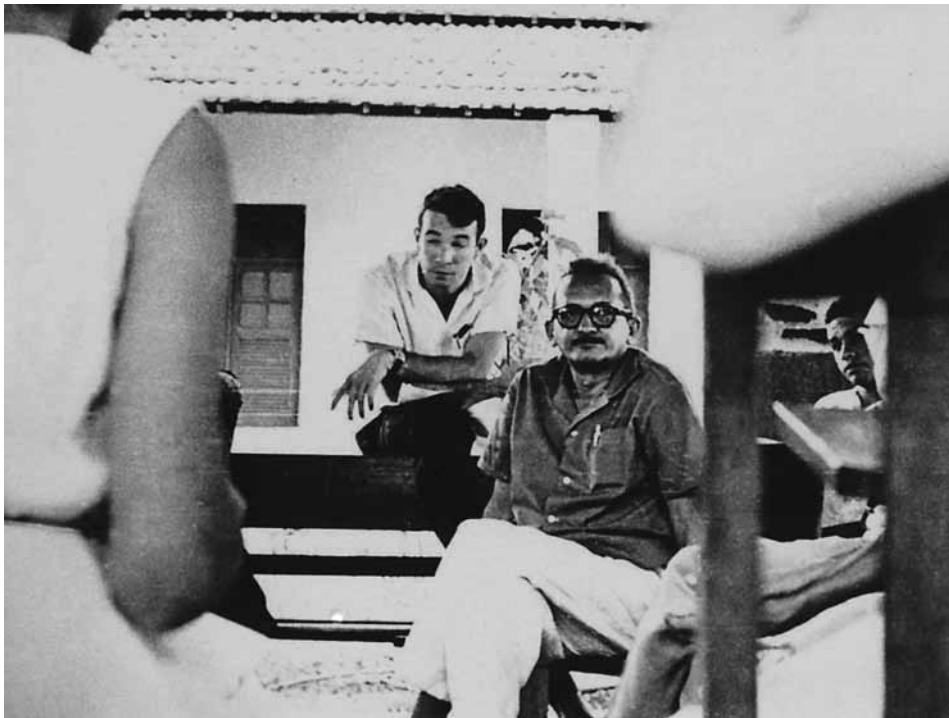


apresentação



**Na primeira hora de alfabetização, o aluno escreve a palavra belota**

Fonte: LYRA, Carlos. *As quarentas horas de Angicos*. São Paulo: Cortez, 1996.



**Reunião de coordenadores com Paulo Freire**

Fonte: LYRA, Carlos. *As quarentas horas de Angicos*. São Paulo: Cortez, 1996.

Este número da revista *Em Aberto* tem um objetivo diferenciado e preenche uma lacuna: dando ênfase às práticas, ressaltando questões pouco conhecidas num universo de literatura sobre Paulo Freire que privilegiou as teorias: Como e por que efetivamente ocorreram as 40 horas de Angicos? Quais os desafios, quais os antecedentes, qual o contexto, quais os principais resultados, por que em Angicos? Que aprendizagem nos trouxe? Que novos paradigmas desafiam a partir daí a alfabetização de jovens e adultos? Qual montagem institucional e política viabilizou, há 50 anos, tal experiência?

Quais forças se mobilizaram para viabilizar essa experiência de alfabetização de adultos e, logo em seguida, quais as que decidiram interromper sua expansão em todo o Brasil? E por que, desde então, essas atividades não foram retomadas nos moldes preconizados por Paulo Freire: metodologias e conteúdos específicos, garantia efetiva de universalizar o direito à educação, baixo custo, aprendizagem rápida? Como explicar que tenhamos hoje mais analfabetos do que naquela época?

No cinquentenário das 40 horas de Angicos – a primeira experiência utilizando o Método Paulo Freire –, incentivamos participantes daquele momento histórico e outros estudiosos a refletirem sobre algumas das questões postas e, assim, ampliar o diálogo e iluminar novos caminhos na rota do legado de Paulo Freire.

Na seção *a*, um relato de Marcos Guerra, com detalhes operacionais e contextualização, contendo informações inéditas e algumas revelações que até agora foram pouco divulgadas. O autor coordenou as atividades desenvolvidas em Angicos, inclusive um dos círculos de cultura, e dirigiu, na Secretaria da Educação do Rio

Grande do Norte, o setor criado especificamente para atender aos objetivos do programa e às exigências de Paulo Freire. Como um dos coautores do que se desenvolveu em Angicos, experiência que inegavelmente enriqueceu a proposta inicial do Método, relata a partir da vivência. Escreve sobre o ambiente favorável e, em seguida, sobre o ambiente hostil. Vincula estreitamente a repressão à Guerra Fria e revela que o governo brasileiro atuou junto à Unesco, após o golpe militar de 31 de março, opondo-se a uma maior influência direta das ideias aplicadas em Angicos e no Brasil.

Na seção *Pontos de Vista*, especialistas em educação e de outras áreas procuram mostrar pontos relevantes da experiência de Angicos e a evolução do legado. No primeiro artigo – “Paulo Freire: primeiros tempos” –, Osmar Fávero, profundo conhecedor do assunto e atuante na área desde meados do século passado, desvenda o contexto dos movimentos de cultura e educação popular no início dos anos de 1960 e o “caldo ideológico” em que se definiu a teoria e foi sistematizada a prática de alfabetização de adultos de Paulo Freire

O cardiologista Geniberto Paiva Campos apresenta-nos “Paulo Freire: o homem e o método, um ensaio”, com informações sobre os debates relativos ao financiamento da Aliança para o Progresso, e uma visão sobre “a magia das 40 horas”, assim como sobre as razões da repressão aos movimentos de educação popular. Na época, era líder estudantil e trabalhava diretamente na campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, do município de Natal, com a qual Paulo Freire contribuiu diretamente. Participou também das primeiras atividades de identificação das condições de trabalho em Angicos, e foi coordenador de um círculo de cultura, cooperando num momento de necessidade.

Alceu Ravello Ferraro pergunta “Por que a pedagogia do oprimido de Paulo Freire incomodava?” e revela o preocupante desafio que o século 20 legou para o século 21, no que se refere ao analfabetismo. Permite que compartilhem de sua reflexão sobre alfabetização, movimentos sociais e as razões da repressão, situando o confronto entre a pedagogia do Mobral e a pedagogia do oprimido de Freire.

Celso de Rui Beisiegel, conhecedor profundo da obra de Paulo Freire, mostra, em um texto de referência, a trajetória do campo teórico de Paulo Freire “Das quarenta horas de Angicos aos quarenta anos da *Pedagogia do oprimido*”.

Célio da Cunha apresenta uma contribuição original – “De Canudos a Angicos: sobre a ideia de um Brasil alfabetizado e consciente” –, em que salienta o aporte de alguns pensadores e educadores do Brasil na luta histórica por um país independente e justo, revelando a ousadia de Paulo Freire que, em Angicos, mostrou como tornar isso possível.

Luiz Lobo nos fornece um texto também original sobre “A experiência de Angicos”, baseado em suas lembranças quase 50 anos depois e na sua vivência naquele período. O consagrado jornalista é autor do mais conhecido documentário sobre as 40 horas de Angicos, que realizou para a Secretaria da Educação do Rio Grande do Norte, destinado à motivação de outras comunidades no Estado.

Valquíria Felix da Silva, então estudante de Direito, integrante da primeira equipe de coordenadores de círculos de cultura em Angicos, nos dá duas contribuições.

No artigo “Cara Valquíria, como teria sido? Quem poderá dizer?” – Angicos 40 horas, 1962/1963”, em que sintetiza um diálogo mantido com outras coordenadoras dessa primeira equipe, relata a mobilização dos estudantes universitários, a formação dos coordenadores de círculos de cultura, a pesquisa do universo vocabular e temas geradores, além da mobilização na cidade de Angicos.

Na seção *Espaço Aberto*, o leitor encontrará, em ordem cronológica, algumas contribuições que permitem melhor situar o trabalho realizado em Angicos, seus antecedentes e consequências. A primeira é o relatório final do Seminário Regional de Educação de Adultos, realizado em Pernambuco, com data de 17 de maio de 1958, preparatório ao II Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado em julho desse ano. Nesse seminário regional, Paulo Freire, relator da 3ª Comissão, que discutiu o tema “A educação de adultos e as populações marginais: o problema dos mocambos”, apresenta um novo modo de compreender o analfabetismo e uma nova forma de superá-lo .

A seguir, dois documentos da experiência: a relação de alunos e coordenadores dos círculos de cultura e a sua distribuição na cidade de Angicos; e os discursos da sessão de encerramento do “curso de alfabetização”, em 2 de abril de 1963: do governador Aluísio Alves, do presidente João Goulart, e do recém-alfabetizado Antônio Ferreira.

A experiência de Angicos foi noticiada em muitos jornais e, como exemplo, reproduzimos o artigo de Antônio Callado, “Da grande mentira às primeiras sílabas da verdade”, publicado *no Jornal do Brasil* em 15 de janeiro de 1964.

No exílio, Paulo Freire publicou, em 1967, *Educação como prática da liberdade*, cujos originais, antes de deixar o Brasil, ele enviara para uma amiga na França e, quando chegou ao Chile, recebeu-os de volta. No trecho de uma entrevista – “Primeiro livro: revi tudo” –, tirado da obra *Aprendendo com a própria história*, de 1987, ele conta sobre a ajuda recebida de brasileiros também exilados naquele país e sobre a dificuldade que teve com a primeira editora francesa interessada na sua publicação.

Carlos Augusto Nicéas de Almeida é “o estudante de medicina” a quem Paulo Freire se refere como parceiro da primeira experiência no Poço da Panela, em Recife. Nunca havia relatado essa atividade e ficou surpreso com o convite. Com sua generosidade e sempre disponível, brinda-nos com seu depoimento.

A segunda contribuição de Valquíria Felix da Silva a este número sobre a experiência pioneira de Angicos é o seu discurso por ocasião do recebimento do Título de Cidadã Honorária Angicana, em abril de 2013, com um relato sobre o trabalho dos voluntários que atuaram como coordenadores de círculos de cultura.

Na seção *Resenhas*, três obras instigantes sobre o tema. O livro de Marcius Cortez, *O golpe na alma*, foi analisado por Dimas Veras e Francisco Aristides de Oliveira Santos Filho. *Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire*, de Celso de Rui Beisiegel, coube a Osmar Fávero. *Educação como prática da liberdade*, de Paulo Freire, teve uma excelente análise feita por Paulo Rosas, que aqui reproduzimos.

A seção *Bibliografia Comentada* traz um levantamento de obras publicadas sobre Angicos, indicando os sítios na internet onde a maioria desses documentos pode ser lida na íntegra.

Desejamos que os leitores possam ler e refletir sobre os diversos textos, depoimentos e testemunhos de uma fase emblemática de nossa educação, que teve em Angicos a ousadia de levar para a prática ideias e concepções de uma educação emancipadora. Com a superação da ditadura e redemocratização do País, as universidades, inspiradas no legado de Angicos, estão pesquisando e conduzindo experiências práticas para dar continuidade ao sonho libertador de Paulo Freire. As vozes da diversidade, antes silenciadas, podem agora indicar alternativas para a construção e operacionalização de políticas de educação com sentido e rumo. Rumo a um país que reconhece em suas matrizes formadoras de origem indígena, negra e europeia os fundamentos de sua nacionalidade.

Esperamos também, com esta edição, contribuir para uma efetiva retomada das ações visando à alfabetização de jovens e adultos nos moldes preconizados por Paulo Freire, com quem aprendemos, em relação ao analfabeto, o que mais tarde Betinho cunhou em relação a quem tem fome: “quem tem fome tem pressa”.

Os analfabetos têm pressa! Negar-lhes este primeiro direito é negar-lhes um dos instrumentos para que possam melhor exercer sua cidadania, e que muitas vezes afronta sua dignidade. Além do indivíduo, perde também sua comunidade, sua família e o próprio Brasil. Todos condenados a uma participação diferenciada, que exige vencer barreiras e preconceitos, visto que lhes foi negado um dos instrumentos que multiplicam seu potencial.

*Marcos Guerra  
Célio da Cunha*  
Organizadores